



O rádio como prática de liberdade: o direito à voz de jovens em conflito com a lei

Karina Woehl de Farias¹
Faculdade Satc

Resumo: Neste artigo, analisa-se o processo de emancipação de adolescentes em privação de liberdade, por meio das oficinas de rádio do Projeto Comunicasom, do Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório (Casep) de Criciúma/SC. O objetivo é compreender de que forma as aulas de rádio podem auxiliar jovens a compreenderem-se enquanto sujeitos. Questões como o papel do radioeducativo e da educação libertadora para emancipação foram abordadas na pesquisa, referenciada em Paulo Freire. A partir de análise documental de programas gravados pelos adolescentes, aponta-se discursos de criticidade sobre a realidade e de perspectivas de um futuro após a ressocialização. Os resultados mostram que o projeto, mesmo fora de funcionamento desde 2015, configurou como um espaço capaz de dar voz e despertar a autonomia a jovens em conflito com a lei.

Palavras-chave: Rádio; Freire; Radioeducativo; Educação; Comunicasom.

1. O papel educativo do rádio

A relação entre rádio e educação é algo existente desde o surgimento do meio enquanto veículo. Pelas mãos do médico e antropólogo Edgar Roquette-Pinto, a radiodifusão nasce voltada para entreter e educar os brasileiros. Foi este o intuito que o “pai do rádio no Brasil”, como ficou conhecido o criador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, deu início as primeiras transmissões radiofônicas no país.

¹ Jornalista, professora de Rádio na Faculdade Satc e doutoranda do POSJOR da Ufsc.

Convivendo nos círculos de cientistas, poetas e intelectuais, Roquette-Pinto se-meou o ideal de levar o ensino aos brasileiros e, ao ver o potencial do novo veículo que fez nascer, logo estabeleceu essa direta relação entre a educação e as ondas sonoras.

Com o lema *O rádio é a escola dos que não têm escola*, Roquette-Pinto iniciou as transmissões em solo brasileiro com um caráter educativo, ou seja, a primeira rádio do Brasil nasceu com cunho voltado à educação e à cultura. “Roquette-Pinto era, acima de tudo, um brasileiro comprometido com a educação e viu naquela nova tecnologia de comunicação, o rádio, um instrumento decisivo para levar informação e conhecimento a crianças e jovens de todo o país”. (CÉSAR, 2009, p. 47).

Para dar início ao processo de comunicação educativa, Roquette-Pinto teve o apoio dos intelectuais da Academia Brasileira de Ciências. A própria academia teve grande participação nos primórdios da programação. Música e informação compunham parcela significativa do que era transmitido com produção, textos e apresentação dos próprios cientistas, acadêmicos engajados com Roquette, que também esteve entre os colaboradores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932.²

A vontade do antropólogo era educar o país por meio da cultura do progresso, em uma espécie de projeto civilizador, que pudesse auxiliar no crescimento e no desenvolvimento do Brasil à época. Tentando “elevar” a cultura do povo pelas ondas, ele acreditava que a educação era a forma mais eficaz de salvar os “ignorantes” país afora.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que realizem com espírito altruísta e sobretudo elevado. (TAVARES, 1997, pág. 8).

Roquette-Pinto entendia que a educação era um “remédio” capaz de salvar o país e promover o progresso. Como típico intelectual de sua época, acreditava pertencer à vanguarda responsável por isso, contribuindo para a construção da nação. Mas, por considerar que o Brasil ainda não tinha um “povo” – que ainda estaria por ser “construído” –, desejava acelerar esse processo com a educação [...]. No seu parâmetro de educação, o

² O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi uma iniciativa da Associação Brasileira de Educação. Os ideais sugeridos na proposta consolidavam a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbravam a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. O Manifesto foi redigido por Fernando de Azevedo, com o apoio de 26 intelectuais da época que lutavam por uma educação mais justa e melhor (FREITAS, 2005).

“povo” deveria ser preparado para a ciência, para cultura e para as artes. Sua ideia era levar aos quatro cantos do país os conhecimentos capazes de fazer o Homem transformar a Natureza [...] (GILIOLI, 2008, p.126).

E foi assim que o rádio surgiu enquanto veículo em uma história ainda recente, com pouco menos de um século de existência, mas com um viés educativo desde os seus primórdios (FERRARETTO, 2001). A rádio criada por Roquette-Pinto, a Sociedade do Rio de Janeiro, tornou-se educativa desde 1936, quando o *pai do rádio no Brasil* doou a emissora para o Ministério da Educação e Cultura da época para que continuasse seu destino como formadora de cidadão por meio da educação. Atualmente a rádio MEC mantém sua programação educacional e segue ligada ao Governo Federal (PIMENTEL, 2008).

2. Freire, Comunicação e Liberdade

É importante perceber os meios de comunicação como ferramentas que compõem o repertório de recursos à construção e difusão do conhecimento nas mais variadas áreas. Nisso inclui-se o rádio e se faz necessário entendê-lo como possibilidade de uso como meio para construção de conhecimento.

É o que acontece no projeto analisado neste estudo, onde as oficinas de rádio do *Comunicasom* contemplam um espaço não formal de educação, e que utilizam de abordagens dialógicas de ensino que levam a se configurar em um local de produção de um saber, como veremos no decorrer deste artigo, que utiliza das práticas libertadoras de Paulo Freire como referencial teórico para análise

Freire não referenciava a comunicação propriamente dita em suas obras, não tratava de veículos ou mídia. Ele se ocupava em enfatizar a importância do ato de comunicar, o real significado no processo de ensino e aprendizagem. Na avaliação do pedagogo, o ato de se comunicar é o que transforma essencialmente os homens em sujeitos interlocutores, ou de relações (FREIRE, 1980).

O autor defende neste comunicar uma relação entre os interlocutores de diálogos para um processo de formação de sujeitos, como prática educativa. Prática esta que propõe que sujeitos transcendam de suas condições – neste caso a de oprimidos - para su-

jeitos libertos. Libertar-se como forma de criar uma consciência crítica e transformadora. Para Freire (1980), a partir da relação do sujeito com a realidade o ser humano dinamiza o seu mundo e humaniza-o. Cria, recria, problematiza e faz cultura por meio da educação, sem a transmissão de verdades ou certezas. Essa educação como prática da liberdade levanta problemas e suscita atitudes críticas (FARIAS, 2013).

Comunicar-se é uma das formas de relacionar multiculturas e sujeitos singulares entre si, mas capazes de promoverem uma espécie de comunhão entre os seres em uma ação dialógica e problematizadora. Sendo assim, o projeto estudado neste artigo, propõe exercitar esta autonomia do sujeito por meio da fala, dando voz aos jovens em conflito com a lei. “Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69).

Por meio da comunicação, da fala e de programas de rádio, os meninos conseguem expressar sentimentos e saberes nas oficinas de rádio, configuradas como um espaço educativo, mas não formal como a sala de aula convencional. Papel este que o comunicólogo José Marque de Melo aponta como capaz de influenciar o cidadão, quando afirma que a mídia pode ser reconhecida como um lugar de saber, “que condiciona e influencia, juntamente com a escola e outras agências de socialização, o processo de formação dos indivíduos (2008, p. 49).

Fica evidente a necessidade de veículos comprometidos não com uma comunicação do espetáculo ou de cunho somente lucrativo, mas uma comunicação capaz de apresentar experiências que retratem a diversidade cultural do país, por exemplo. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire condena a alienação que os veículos de comunicação de massa podem levar o público a viver. Desta forma, o educador pede uma leitura crítica do que é publicado nos meios e reflete: “Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, mas com uma consciência que precisa libertar-se” (FREIRE, 1987, p.68).

No rádio, mesmo com um diálogo comprometido, onde nem sempre há a intervenção do receptor da mensagem, no caso o ouvinte, pode haver reflexão e, assim, produção de conhecimento. A partir do momento em que a mensagem é recebida pelo ou-

vinte, este sujeito, por meio da reflexão sobre a ação, constrói um tipo de saber que não pode ser desconsiderado como conhecimento, mesmo não sendo ele um saber científico. Eduardo Meditsch (1997) fala sobre este saber, não especificamente sobre o rádio, mas do saber produzido no jornalismo de maneira geral.

O Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. Além desta maneira distinta de produzir conhecimento, o jornalismo também tem uma maneira diferenciada de o reproduzir, vinculada à função de comunicação que lhe é inerente. O Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. (MEDITSCH, 1997, p. 03)

O mesmo vale para o rádio, que usando somente a expressão sonora, tem na oralidade sua potencialidade. Por meio das ondas sonoras, diferentemente de outros meios, é capaz de despertar a imaginação do ouvinte, permitindo que cada sujeito que o ouça elabore imagens individuais e pessoais. Em sentido diferente daquele encontrado na televisão ou no cinema, por exemplo. No imaginário promovido pela recepção radiofônica desperta-se nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários construir redes de imagens facultadas pelas sequências de palavras (CITELLI, 2006, p.97).

Problematizar o real, o mundo, a realidade em si, é o que permite que sujeitos possam *des-velar* novos saberes. Desta forma, não só escola, mas os espaços que extrapolam a sala de aula, e até os meios de comunicação, podem ser mediadores deste processo de emancipação de sujeitos.

3. A Liberdade por meio da fala radiofônica: o Comunicasom

O projeto *Comunicasom*, parceria entre a Justiça Federal e a Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), foi criado com intuito de proporcionar um novo espaço de aprendizagem no Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório (CASEP) de Criciúma por meio de oficinas de rádio. A iniciativa foi criada antes mesmo da parceria entre as duas entidades, já que o educador que ministrava as aulas realizava, desde 2001, o trabalho com jovens na informalidade e de forma voluntária no abrigo para menores infratores. Atualmente o projeto está desativado por decisão da universidade que

cortou outras parcerias em 2015.³ No entanto, este artigo analisa as falas dos adolescentes entrevistados quando o *Comunicasom* estava atuante. A iniciativa funcionou no CASE de 2009 a 2015.

O *Comunicasom* é um projeto de cunho socioeducativo trabalhou o potencial de re-educandos, trazendo temas da própria trajetória de vida dos internos, enquanto indivíduos e cidadãos. A ideia, conforme o criador do projeto⁴, foi auxiliar no processo de reinserção de jovens em conflito com a lei na sociedade. Assim, as oficinas tinham como objetivo dar voz a estes garotos que, ao estarem em reclusão, silenciavam muitos de seus discursos. Segundo o educador, a iniciativa tinha como meta prevenir a reincidência carcerária, dando a chance destes meninos poderem ter uma profissão futura e entenderem-se diante do mundo nas falas produzidas nos programas radiofônicos.

As oficinas eram ofertadas dentro do CASEP e os adolescentes poderiam participar na elaboração de programas radiofônicos com conteúdos a serem definidos entre educador e internos. A maioria, segundo o professor, escolhia produzir peças de cunho religioso ou de protesto, com a veiculação de música gospel e/ou rap. Além das canções, os jovens liam notícias e relatavam situações de suas vidas pessoais. Através da escolha do gênero de música, das histórias vivenciadas, e das informações veiculadas nos programas, os garotos percebem o que acontece no mundo exterior, conhecendo assim um pouco mais sobre os acontecimentos da sociedade em geral na qual estavam inseridos e à qual retornarão.

A escolha livre pelos assuntos dos programas corrobora na construção do conhecimento destes internos, o que acaba gerando autonomia entre os adolescentes. Dentro deste conceito de autonomia, Gadotti (2005, p. 03) afirma a importância para a formação de sujeitos independentes dentro de uma sociedade.

Para isso, é preciso motivar e desafiar estes jovens para que, de forma crítica, percebam que o momento não é destino ou vontade divina, algo que não pode ser mudado, pelo contrário, pois o principal objetivo do projeto é o de ampliar as possibilidades de vida após a saída do CASEP. Por isso estes meninos ao usarem letras de música com protestos conseguem expressar indignação com a realidade e percebem que a situa-

³ Este estudo não se propõe a avaliar os motivos do fim do projeto *Comunicasom*, já que o recorte feito para análise ocorreu em 2013, quando a iniciativa ainda estava em execução no CASE de Criciúma.

⁴ O educador Daniel Paes foi entrevistado pela autora deste estudo em agosto 2012 e fevereiro de 2013.

ção atual não é algo individual. Paulo Freire (1996) destaca a importância da liberdade dos indivíduos enquanto sujeitos. O pedagogo reforça que é por meio do diálogo que os oprimidos terão a chance de deixar sua atual situação para tornarem-se sujeitos, e isso não se dá no silêncio, mas sim por meio da reflexão e das suas ações decorrentes, num processo contínuo e dialógico.

Para a elaboração deste artigo, optou-se por analisar os áudios gravados pelos reeducandos e escolhidos pelo próprio professor da oficina. Neste recorte, vai-se avaliar três programas gravados, editados pelo educador que também selecionou o material para o estudo em questão.

No primeiro programa liberado pela Justiça Federal para o estudo, são aproximadamente oito minutos de gravação, onde um adolescente em conflito com a lei relata como foi parar no CASEP. O programa inicia com uma trilha e na sequência o depoimento do rapaz dizendo que tem 16 anos e é morador do bairro São Luiz, em Criciúma. O adolescente conta que foi apreendido por crimes dos artigos 33, 10 e 57 (tráfico, furto e assalto à mão armada), sob pena de seis meses a três anos de reclusão. Detido há dois anos, o relato apresenta o início da vida no mundo do crime, dos furtos e do uso de drogas.

Com um fundo musical de um *rap* e sinais sonoros, o depoimento desperta o emocional de quem ouve. Ao mesmo tempo, coloca em questão situações vivenciadas hoje em muitas cidades Brasil afora. Adolescentes em contato, desde muito jovens, com as drogas. Mesclando trilha e falas do rapaz, ele conta os crimes cometidos em virtude do uso de narcóticos, mas também recorda com saudade dos familiares. Em seguida, a esperança de um futuro melhor fora da prisão. “Penso no futuro, antes de ser liberado queria um curso pra aprende mais coisa. Pra encerrar, queria um som pra rapaziada ali dentro ali (cela), um *rap Realidade Cruel*”, narra o garoto.

A letra da música é um protesto em relação à realidade brasileira. Logo no início da canção, palavras que entonam um mundo de sofrimento descrevem o sentimento de muitos dos meninos em reclusão. “*Chega de desilusão, sofrimento e maldade, resgatar do meu coração o que sobrou de bondade [...]*”, discorre parte da música que compõe o áudio avaliado.

A escolha pelo *rap* diz muita coisa da leitura de mundo deste jovem que já percebe as desigualdades e falhas do sistema político do país, mesmo que com tão pouca idade. Não se quer aqui ter piedade e muito menos amenizar a culpa do garoto pelos atos cometidos, porém, analisando sua fala e trechos da canção escolhida é notável o descontentamento com a realidade vivenciada fora da detenção e certa criticidade sobre o mundo.

Para este jovem entender a realidade como algo desigual houve reflexão sobre a vida e sobre si por meio da música. Esta reflexão não é algo solto, mas situado na existência dos indivíduos. A propósito, Freire (1980, p.33) diz que “os homens são porque estão situados. Quanto mais refletirem de maneira crítica sobre sua existência, e mais atuarem sobre ela, serão mais homens”. Portanto, o homem passa a assumir uma posição de sujeito a partir do momento em que reflete acerca da sua situação e do seu ambiente concreto. E o rádio, usado aqui como ferramenta educativa, proporciona este momento em que o adolescente se sente sujeito.

Os áudios ouvidos nos três programas analisados têm relações em comum e concordam em muitas questões, como a saudade da família, o ingresso no mundo das drogas e o descontentamento com a realidade sociopolítica e econômica do país. É por meio da fala radiofônica que os adolescentes em conflito com a lei expressam sentimentos dos mais variados possíveis, que vão desde raiva à esperança de um futuro mais digno ao saírem do sistema socioeducativo.

No segundo programa analisado, o adolescente inicia a peça radiofônica falando que é a quarta vez que retorna ao CASEP por furto e assalto à mão armada. O menino fala também no uso de drogas e que, ao sair da reclusão, pretende tomar novos rumos que “possam agradar a mãe e a família”.

Mais um discurso de protesto é evidenciado durante o programa, bem como arrependimento e esperança de regeneração ao sair da privação. Na fala do jovem fica evidente a liberdade que consegue ao se expressar, contando com riqueza de detalhes a trajetória de vida “fora da lei”.

Sufrimento e dor fazem parte da letra que aborda também o estilo de vida levado por adolescentes excluídos da sociedade. Mesmo passando por um processo de edição, os áudios apresentam jovens querendo mudar e vislumbrando um retorno ao núcleo fa-

miliar com uma outra realidade. “A esperança está na raiz da inconclusão dos homens, a partir da qual eles se movem em permanente busca. Busca em comunhão com o outro”. (FREIRE, 1980, p. 84).

O terceiro áudio traz mais um relato de indignação coletiva e situações semelhantes. A programação musical não fica apenas no hip hop ou rap, o garoto de 16 anos, há seis meses internado, abre a programação anunciando que irão tocar: *rap gringo*, dança eletrônica, entre outros gêneros. Além disso, comunica que haverá uma entrevista com “o colega D.⁵”.

O programa chama atenção pela qualidade auditiva, sonorização e edição caracterizadas como em uma rádio comercial. O conteúdo ganha formato jornalístico quando o jovem entrevista o outro infrator, com perguntas coerentes e ligadas ao contexto atual da realidade do país. Diferentemente dos programas anteriormente analisados, o jovem faz perguntas em formato de entrevista ao colega re-educando. D., responde aos questionamentos:

Menino apresentador: “Boa tarde, D.. Que ato infracional você cometeu para estar aqui, que medida você pegou e quanto já cumpriu?”

Entrevistado: “Boa tarde. Eu fiz o ato infracional 121 (homicídio), peguei de seis a três anos e *tô sete mês* na caminhada”.

Menino apresentador: “O que você acha do sistema?”

Entrevistado: “Não que é uma coisa boa, mas é uma coisa melhor, *pro cara muda* de vida”.

É perceptível que há um roteiro a seguir notando a presença da expressão “você”, usada com pouca frequência no cotidiano destes adolescentes e em músicas dos gêneros usados nas peças radiofônicas. No entanto, a resposta “solta” do entrevistado deixa o programa descontraído. Chamam a atenção as perguntas do apresentador, primeiramente ele pergunta sobre o sistema prisional e na sequência indaga:

⁵ “D” foi o pseudônimo escolhido pelos jovens para chamar o entrevistado do programa analisado.

Menino apresentador: “O que você acha que vai mudar a situação da sociedade?”

Entrevistado: “Eu *tando* preso não vou mais fazer problema na comunidade, né, não só eu, mas um monte de gente”

Na explanação anterior outro ponto que aproxima os garotos. Os questionamentos e inquietações sobre a sociedade e a realidade. Características ainda mais presentes na mensagem final do menino, quando ele fala que “isso aqui não é vida *pra* ninguém, *vamo respeita* o pai e a mãe, que não é fácil essa vida aí, essa vida aí é só destruição. Esse mundão é só ilusão”, falou o entrevistado D..

Críticos nas perguntas e respostas, esses sujeitos refletem sobre suas vidas enquanto cidadãos com o mundo, a fim de perceber a realidade e chance de serem seres livres em sua existência, como defendia Paulo Freire. Defensor do uso da palavra para libertação e acreditando que a igualdade social pode ser alcançada através da educação, Freire propõe o diálogo e o direito à voz para conduzir o indivíduo a um nível crítico capaz de emancipá-lo.

Direito a voz proposto no *Comunicasom*, onde os adolescentes infratores, por meio das práticas de radiodifusão, adquirem conhecimento que podem ser úteis para encarar a vida após meses de reclusão e a terem uma visão mais crítica sobre a realidade em que vivem. Além das mensagens que falam de suas experiências, os demais, enquanto receptores, podem fazer uma leitura crítica do todo, fazendo assim surgir o referido processo de reflexão citado anteriormente por Freire.

Ainda dentro deste contexto, Araújo (2008, p. 04) afirma que por meio da fala, da comunicação em si, é possível refletir de maneira crítica sobre o real. “Quanto mais perceberem que podem falar, mais serão instigados a continuar falando e verão que a necessidade de comunicação é maior do que acessar a internet, é a necessidade de ser, de fazer-se e refazer-se pela problematização de sua fala, de seu contexto”.

Os meninos fazem isso por meio do *Comunicasom*, projetando em suas falas um contexto já existente, mas também a possibilidade de um novo contexto. É dar voz aos garotos, tornando-os sujeitos capazes de encarar novamente a realidade para então, transformá-la.

4. Considerações finais

O rádio se mostra eficiente no que se propõe o projeto *Comunicasom*: dar voz a jovens em conflito com a lei e lhes permitir pensar numa realidade libertadora fora da reclusão. A fala dos meninos demonstra que é possível, mesmo em privação de liberdade, refletir sobre suas ações e projetar novas práticas ao deixarem o período socioeducativo. Isso tudo com o apoio do rádio enquanto ferramenta não só de comunicação, mas educativa, capaz de dar autonomia e projetar um futuro próximo.

Através das oficinas, os meninos conseguem repensar os motivos que os levaram a cometer delitos, mas o mais importante, a serem críticos da realidade em que vivem, como visto nos programas radiofônicos por meio de falas e músicas de protesto escolhidas pelos jovens. Em relação ao papel do radioeducativo podemos afirmar que ele pode ajudar no processo de conscientização e emancipação de adolescentes privados de liberdade. Os áudios apresentaram depoimentos de sujeitos que erraram perante à lei, mas que, por meio da leitura de mundo, da ação-reflexão, são capazes de pensar em um novo começo fora da prisão. O fazer pensar destes jovens os leva a conscientização que objetiva a desalienação para coloca-los em uma situação de sujeitos emancipados, como retrata Freire (1980), ao afirmar que quanto mais os sujeitos refletirem criticamente a própria existência, sendo protagonista da sua realidade, mais se tornarão homens.

O estudo ainda aponta para a necessidade de se ampliar o uso do rádio como ferramenta educativa nos processos de emancipação do sujeito. Um campo a ser explorado bastante vasto, com uma trajetória longa a percorrer, mas com um potencial libertador.

Referências

- ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **A Rádio-Escola como uma experiência de Comunicação Educativa**. In. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UFC, 02 a 06 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br>. Acesso em maio de 2011.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar no Rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.
- CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Comunicação e Expressão**. 5ª Ed. Rio, Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio, Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 14ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed: Rio, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação formal/não-formal**. In. **Instituit Internacional Des Droits de L’Enfant (IDE)**. Suíça, 2005.

FARIAS, K.W. **O Radioeducativo em Espaços Alternativos de educação: a experiência do Comunicasom**. 97f. Dissertação de Mestrado – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2013.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª Ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FREITAS, M.C. **Educação Brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos**. In. Maria Stephanou; Maria Helena Camara Bastos (Org). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. 1ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GILIOLI, Rento de Souza P. **Educação e Cultura no rádio brasileiro: concepções de radio-escola em Roquette-Pinto**. 409f. In. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** In. Artigo apresentado na Conferência feita nos Cursos da Arrábida Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio, Soarmec Editora, 1999.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o Rádio não contou**. São Paulo, Negócio Editora: 1ª Edição, 1997.